

NAÇÕES E TRIBOS DE TORCEDORES EM TRÊS CONTOS DE NARRADORES ARGENTINOS

Prof. Dr. Ary Pimentel¹ (UFRJ)

Resumo:

Em cenário no qual o relato nacional perde muito de sua força, observamos que a cultura de massa deu lugar a um novo sentimento de pertença coletivo, evidenciando o potencial de certos fenômenos de massa para criar comunidades em meio a um quadro de crescente fragmentação do sujeito. O futebol surge, então, como um espaço privilegiado para se estudar diferentes problemáticas de nossa sociedade e, em particular, as vinculados às novas formas de sociabilidade e à construção de identidades locais. Nesse contexto, podemos pensar o “neotribalismo” como um fenômeno que reflete diferentes dimensões da vida social. O futebol e o ato de torcer estariam diretamente relacionados às tribos urbanas, como são definidos os agrupamentos que se organizam em torno de territórios e de mitos comuns. É isso que buscamos pensar a partir da leitura de três contos de narradores argentinos.

Palavras-chave: nação, tribo, torcida, ilha urbana, identidade

“El fútbol es un espejo contradictorio de las sociedades que le prestan sus canchas.”

Juan Villoro, *Dios es redondo*, p. 60.

“De algunos de los miembros de la tribu nunca supe siquiera los apellidos.”

Eduardo Sacheri, *Esperándolo a Tito*, p. 185.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a problematização dos conceitos de nação e de ilhas culturais bem como pensar as novas figurações identitárias expressadas por meio de narrativas literárias produzidas na última década.

A crise dos Estados-nação alterou os cenários das identidades sociais e culturais, que se tornaram cada vez mais fluidas, assumindo muitas vezes características “neotribais”. Enquanto a identidade nacional perde muito de sua força, observamos que a cultura de massa originou um novo sentimento de pertença coletivo, evidenciando o potencial de certos fenômenos massivos como a música ou o futebol para criar comunidades em meio a uma cena contemporânea na qual domina a fragmentação do sujeito.

Neste contexto, o futebol surge como espaço privilegiado para se estudar diferentes problemáticas da sociedade e, em particular, aquelas vinculados às novas formas de sociabilidade e à construção de identidades locais.

Desta maneira, não é difícil constatar como no âmbito do esporte de massas se constitui um “nós” que transcende a ação dos operadores do relato nacional, fato que se observa na medida em que, apesar da importância crescente das redes virtuais, a maior parte das interações de torcedores nesta nova urbe se desenvolve em ambientes locais como bares, esquinas ou clubes. Enquanto a ênfase da imaginação comunitária centrada no microterritório recai naquilo que se ancora nos contatos face a face e reforça a comunhão

com a memória e os valores que o indivíduo partilha com os outros a partir de uma experiência concreta comum, a construção da identidade nacional atua justamente como cimento da coesão grupal entre sujeitos que habitam espaços muito distantes uns dos outros, vivem realidades bastante diferentes entre si e provavelmente nunca se encontrarão, sendo o ato de lembrar e esquecer muitas coisas em sintonia o que define a narrativa da nação. A condição fundamental para forjar a nação moderna como “comunidade imaginada” é a existência de elementos compartilhados que fazem com que os sujeitos se sintam pertencentes a um mesmo corpo. Como no caso do seringueiro acreano de que fala Mario de Andrade em “Acalanto do seringueiro”, o que importa é o que, para além das diferenças, faz dele, conforme nos diz o poeta, um “brasileiro que nem eu” (1987, p.203), apesar do fato de que “nunca nos olhamos/ Nem ouvimos e nem nunca/ Nos ouviremos jamais.../ Não sabemos nada um do outro,/ Não nos veremos jamais!” (1987, p.205).

A forma como os torcedores se representam e são representados diz muito dos limites onde termina e onde começa o sentimento de pertencimento à nação e a todo um universo de nações menores, comunidades imaginadas locais que, nos últimos tempos, começaram a ganhar cada vez mais espaço nas grandes urbes. As novas tribos urbanas dizem muito da sociabilidade e das identidades locais. Podemos pensar o “neotribalismo” como um fenômeno que reflete diferentes dimensões da vida social de uma cidade ou mesmo de um país. Michel Maffesoli define tribos urbanas como agrupamentos que se organizam em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns.

Nesta espécie de nuvem emocional, que se assenta mas não se restringe à ilha de convivência face a face, refletem-se alguns elementos centrais da sociabilidade que origina o que chamaremos de “pequenas nações”. Eduardo Archetti e Roberto DaMatta há muito sinalizaram as ricas possibilidades de se ler a nação a partir do futebol. O que pretendemos com este trabalho é um pouco diferente: pensamos que, diante da crise das grandes narrativas e do Estado-nação, hoje nosso olhar poderia se concentrar mais na metáfora das “ilhas urbanas” proposta por Josefina Ludmer na mesma linha do fenômeno neotribal de Maffesoli.

Ao focar neste espaço social – simbólico ou concreto – que aglutina diferentes indivíduos em torno de uma identificação comum, a qual dá sentido às “comunidades imaginadas” que se estruturam a partir das identidades futebolísticas, queremos pensar as vivências dos torcedores em momentos intensos e significativos: quando a paixão pelo clube se reflete nas relações com filhos, pais, esposas ou vizinhos. É isso que podemos observar nos contos argentinos “El cuadro del Raulito” e “Señor Pastoriza”, de Eduardo Sacheri, e “Hinchada hay una sola”, de Alejandro Parisi. Mais que uma pesquisa sobre futebol, pode-se dizer que esta é uma investigação sobre a identidade, os afetos, a sociabilidade e a noção de pertencimento das tribos de torcedores representadas no texto literário.

Nosso objetivo é extrair dos contos selecionados certas possibilidades de leitura que privilegiem elementos de coesão atuantes na reconfiguração de identidades fragmentárias através de narrativas que ajudam a construir uma memória que é compartilhada por todos os que integram a pequena nação ou tribo urbana dos torcedores de uma equipe local. Essa é uma comunidade imaginária constituída por torcedores que, radicalmente heterogêneos no que se refere ao território de origem ou à sua procedência social, integram a mesma “tribo” pela identificação comum a rituais e a um acervo de símbolos, experiências, personagens e histórias que se compartilha com aqueles que também pertencem à “pequena nação” de torcedores.

A chave de leitura, para este caso, mais que a masculinidade, a honra ou o *aguante*, parece ser a paixão e a memória compartilhada que dão sentido a milhares de existências em meio a um panorama pós-moderno marcado pela fragmentação identitária.

O que nos propomos aqui é ver os reflexos destes processos que levaram à construção de identidades futebolísticas no cenário doméstico ou no privado expandido onde se travam as relações com familiares e amigos mais próximos. Ao discutir o modo como os sujeitos produzem significação a partir do espaço, Maffesoli enfatiza a importância do território para a construção do “estar juntos” bem como para a compreensão do “homem em relação”. Segundo ele, esta é não apenas uma relação interindividual, mas também um vínculo que liga o sujeito “a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilho com outros” (2010, p 198). Ainda em Maffesoli encontramos uma interessante definição de “ilha urbana”. Diz o autor que: “a cidade contém em si outras entidades do mesmo gênero: bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas que vão se organizar em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns” (2010, p.200).

Para Josefina Ludmer, a “ilha urbana”, nessa mesma linha de pensamento, “es un mundo con reglas, leyes y sujetos específicos” (2010, p.131), um cenário de realidade/ficção onde os sujeitos constroem constantemente estratégias para entrar e sair sem que saibam já muito bem se estão dentro ou fora. Parece que estão dentro e fora da nação, da cidade e da sociedade, formando uma nova comunidade, uma nova nação. E é esta pequena nação que requer um novo relato.

Acreditamos que “ilhas urbanas” e “tribos urbanas” podem ser categorias pertinentes para se tentar dar conta do modo como se formam essas identidades que são ao mesmo tempo locais e nacionais. Para outros autores, como Michel de Certeau (2003, p.169) e Edgar Morin (1999, p. 111), as ilhas ou ilhotas podem ser identificadas, por exemplo, nas torres comerciais bem como no grande edifício residencial caracterizado como unidade multifamiliar ou ainda na rede tecida pelas transmissões de rádio ou partidas de futebol televisadas que permitem a ouvintes e espectadores compartilhar uma mesma experiência desde vivendas unifamiliares situadas em diferentes áreas da cidade ou do país.

Ao longo das últimas décadas foram elaboradas e colocadas em circulação narrativas de jornalistas e literatos em grande quantidade, num processo que desemboca na construção de identidades futebolísticas, identidades nacionais e identidades locais ou grupais. A mídia, especialmente através das transmissões esportivas, atua como catalizadora de potencialidades na construção de um imaginário comum, tornando coletivo um discurso que fundia os símbolos da tribo, os ideais do herói e a retórica do pertencimento. O futebol reforça, assim, o aspecto tribal desta pequena nação na medida em que “ritualiza la pasión” (VILLORO, 2012, p.24), e um dos aspectos principais deste rito é ato acompanhar o desenvolvimento de uma partida entre dois times, seja no estádio ou através das narrações da imprensa especializada.

A influência dos meios de comunicação de massa não pode ser desprezada no processo que irá converter o esporte em um dos eixos da construção da nacionalidade e das novas identidades pós-nacionais. Transmissões de rádio e, especialmente, de televisão, verdadeira “máquina cultural de la nacionalidad postmoderna” (LLOPIS GOIG, 2009, p.13), podem ser tomadas como uma das formas principais através das quais esses torcedores se representam, ao mesmo tempo que representam contrastivamente os demais.

A ação dos meios de comunicação contribui, assim, para a dramatização das tensões

e para a produção de memória nos diferentes territórios em que se fragmentou a cidade, ou seja, ajudam a articular o corpo da urbe as “micropoles” a que se refere Néstor García Canclini para falar das subunidades que constituem, dentro das megacidades, “os fragmentos que elegemos para ancorar nossa subjetividade e a ação de grupos pequenos” (CARCÍA CANCLINI, 2008, p.17).

Inúmeros pesquisadores que se debruçaram sobre o tema tal como ele se configurou desde as décadas finais do século XX destacaram o papel da família e do bairro na escolha do clube. Em *El nacimiento de una pasión*, Alejandro Fabbri chama a atenção para essa relação entre a identidade e o território: “El amor a un club llega de pequeño, por gravitación familiar, de los amigos o de la zona donde uno vive. Difícil, casi imposible era conseguir años atrás que los muchachos de un barrio se hicieran hinchas de un club lejano.” (FABBRI, 2006, p.13).

Em seu primeiro livro de contos, *Esperándolo a Tito*, editado no ano 2000, Eduardo Sacheri, publica um conto (“De chilena”) no qual reconhece que a rivalidades clubística é “uno de esos nudos de la historia que, para cuando uno nace, ya están anudados. Lo único que le cabe al recién venido al mundo, si nació en el barrio, es tomar partido.” (Sacheri, 2007a, p.74). Em “El cuadro del Raulito”, publicado no mesmo *Esperándolo a Tito*, Sacheri mostra como, de modo geral, a memória compartilhada de uma coletividade passa primeiramente pelo grupo familiar.

O personagem central de “El cuadro del Raulito” é o filho rebelde que resiste a integrar-se à torcida do mesmo “cuadro”, ou time, de seu pai. Apesar da rivalidade entre os clubes, pai e filho negociam sem grandes tensões a opção de torce por equipes rivais.

Consciente de que seu papel de pai não lhe dá o direito de obrigar o filho a torcer por um determinado time, mas sem deixar de alimentar esperanças de que algum dia ele decida mudar para as cores de sua equipe, o pai, fanático torcedor do Huracán, procura não interferir na paixão futebolística de Raulito e o deixa escolher seu próprio time porque considera que amores não podem ser impostos ou mesmo escolhidos.

Vários outros familiares (tios, cunhados e primos) tentam influenciar Raulito em suas preferências clubísticas. O garoto começa a mergulhar no mundo das rivalidades e dos cantos de torcidas através do apelo destes familiares e dos vizinhos mais próximos.

Racionalmente, o pai reconhece que talvez seja melhor que Raulito acabe por ser torcedor de um time grande e não sofra como ele mais vinte anos sem conquistas além a humilhação do rebaixamento. A partir dos nove anos, os receios do pai se concretizam e Raulito começa a dizer que é torcedor do River, como o tio Hugo. Mas o que tinha de ser seria. Família aparentemente partida, o pai não dá cartão vermelho ao filho que virou torcedor do River. Fanático pelo Huracán, ele convida o filho para ouvir pelo rádio a partida entre Huracán e River. Torcem juntos, lado a lado, um pelo Huracán e o outro pelo River.

Neste momento, o pai desfruta da “felicidade sencilla y robusta” de participar do ritual de torcer junto com o filho, independentemente das preferências clubísticas. E quase não se dá conta de o seu time “iba perdendo” (Sacheri, 2007a, p.90). Permanece assim, resignado e feliz, ante o placar de 3 x 2 para o River, até perceber que Raulito está sofrendo com esta vitória e torce desesperadamente pelo empate do Huracán:

con los brazos extendidos y las palmas abiertas, mezclando los chillidos de su voz de nene y los ronquidos incipientes de su madurez en ciernes, estaba el pibe, el pibe ya sin vueltas, ya sin chance alguna de retorno, ya

inoculado para siempre con el veneno dulce del amor perpetuo, ya ajeno para siempre a cualquier otra camiseta, más allá de cualquier dolor y de todas las glorias, dando al cielo el primer alarido franco de su vida.
(SACHERI, 2007a, p.92. Grifo nosso.)

Após o final da partida, Raulito vai para o seu quarto chorar pela derrota daquele que definitivamente é o seu time do coração. Nessa tarde se consolidam os vínculos entre pai e filho. Cumprir o rito de acompanhar a narração do jogo ao lado do pai é a completa realização do ato de torcer como condição para fazer parte de uma família maior. Nessa tarde o jovem amadurece e constrói o seu pertencimento a uma tribo que lhe outorga heróis, histórias e memórias. Ex-admirador do Racing, o garoto de 12 agora será torcedor do Huracán pelo resto da vida:

Huracán “no era un equipo fuerte, que garantizara títulos y prometiera domingos fáciles.” (VILLORO, 2012, p.19), mas não se trai a memória da infância, nem aqueles momentos ao lado do pai convertido em um dos heróis da tribo vermelha e branca do time de Parque Patricios ou, mais que isso, em um herói mais íntimo que persiste e renasce a cada domingo apesar dos fracos desempenhos da equipe. A paixão compartilhada com o pai, com os amigos e vizinhos do bairro é o amor pela camiseta e não uma consequência dos títulos ou da atuação dos grandes jogadores que usam a camiseta. E este amor muitas vezes é mais forte que uma religião ou uma ideologia.

A impossibilidade de reorientação das vontades reafirma o lugar central ocupado por uma equipe de heróis sem cara que envergam o uniforme e por uma memória que não será abolida pelos piores resultados ou pelo rebaixamento à segunda ou terceira divisão.

La obra de Sacheri está atravessada por varias marcas temáticas relacionadas ao mundo do futebol. Contudo, talvez uma das mais dominantes seja a presença da relação entre pais e filhos nos relatos de torcedores, como se pode observar em “Independiente, mi viejo y yo” ou “Señor Pastoriza”. Este último é precisamente um dos contos de Sacheri em que mais sobressai a relação com o Independiente como consciência de um diálogo entre gerações de torcedores em meio às quais a ponte é o clube.

Neste conto, Sacheri converte uma partida mítica em epopeia familiar que fará com que, juntamente com os onze jogadores e o técnico do Independiente, seu próprio pai entre para a memória da tribo e seja honrado mesmo depois de sua morte pela emoção de gerações de leitores.

A narrativa remete a algo que aconteceu anos antes, quando o enunciador ainda era uma criança. Agora homem feito, enquanto faz a barba, escuta uma notícia que o leva a escrever o texto que lemos. O destinatário impossível é também o elemento central do noticiário e dos fatos resgatados da infância, o Señor Pastoriza do título.

Forma de agradecimento tardio por algo que o referido senhor fez em janeiro 1978, quando era técnico do Independiente e comandou a equipe na final do campeonato argentino de 1977 contra Talleres de Córdoba, jogando na casa do adversário, o texto transforma em monumento precário, mas memorável, a figura de José Omar Pastoriza que morre de uma parada cardíaca nesta manhã 2 de agosto de 2004 em que se situa a ação do relato.

A façanha começou com o placar adverso construído pelo Talleres com um gol feito com a mão. O juiz não anulou o tento dos donos da casa, mas expulsou três jogadores do time visitante por reclamação. O restante da equipe se revoltou e decidiu abandonar o gramado. Neste momento, interveio o Señor Pastoriza, que os fez voltar a campo e lhes

disse “jueguen”: “Les dijo «juegue» y ellos le hicieron caso” (SACHERI, 2007b, p.186).

O enunciador do relato, mescla de testemunho e ficcionalização da memória, só foi saber da conquista do Independiente no dia seguinte. Era muito pequeno e a família o mandou para a casa de um tio no litoral, próximo a Mar del Plata. Quando volta, o pai o recebe na porta de casa com suas relíquias futebolísticas: havia ali tudo o que era necessário para reencenar o jogo perdido pelo filho e para estabelecer um marco definitivo na memória deste, consolidando a relação entre os dois através da paixão de ambos pelo Independiente:

“Vení, tipito” me dijo. “Vení que te guardé todo”. Cosas que tiene la vida. Yo tenía diez años y él no podía decirme que se estaba muriendo. Pero podía ingeniárselas para preparar sobre la mesa todos los recortes de esa noche de fábula del 2 a 2 con ocho hombres, señor. *La Nación. Clarín. La Razón. El Gráfico. Goles.* (SACHERI, 2007b, p.188).

O clube de futebol é um elemento que ativa a memória pessoal e tem a capacidade de remontar esse tempo passado quando o pai, embora muito doente, compartilha com a criança daquela época suas alegrias de torcedor e as façanhas dos heróis da tribo. A heroicidade do Señor Pastoriza e dos jogadores do Independiente naquela jornada épica se confunde com a figura paterna e os dois, agora mortos, vão se fundindo e cristalizando um momento único que não passará à desmemória:

Y había otro recorte que hablaba de usted, señor Pastoriza. De cómo se plantó y los plantó y les dijo jueguen. Y en la noche de enero mi viejo me mostraba cada titular. Cada foto. Y yo miraba los recortes y lo miraba a él. Mierda que era invencible. Flaco y todo. Enfermo y todo. Medio muerto y todo. Señalaba con el dedo los papeles y el partido se levantaba desde la mesa para que yo lo viera. (SACHERI, 2007b, p.188).

O relato se estrutura como uma carta de agradecimento ou um diálogo íntimo com José Omar Pastoriza para agradecer não pelos três títulos nacionais conquistados pelo Independiente sob sua direção técnica ou pela Copa Libertadores de 1984, mas pela oportunidade que esta partida gloriosa contra Talleres de Córdoba deu a uma criança de dez anos de viver uma experiência ímpar com seu pai: compartilhar a emoção de torcer juntos numa partida que pai reencena só para ele e poder dar em sua companhia a última volta olímpica em torno da mesa da sala de jantar.

Ya ve que no es porque sí, que usted se muere y yo me acuerdo de estas cosas. Será más bien que *Independiente es un puente que perpetuamente me conduce a mi viejo.* Y bueno. *Usted estuvo siempre parado en ese puente.* Así que gracias, señor Pastoriza. Gracias y hasta siempre. (SACHERI, 2007b, p.189. Grifo nosso.)

Assim termina o conto, com uma emoção contida e uma grande sobriedade ao tratar o delicado tema da perda e da morte, mas, como ocorre em outras histórias de Sacheri, o que importa é o papel que tem o futebol na mediação das interações mais íntimas. Algo que ocorre não apenas nos contos, mas em sua própria vida. Quando o escritor encontra pessoalmente o seu maior ídolo, o jogador do Independiente Ricardo Bochini, que esteve entre os protagonistas daquela partida de janeiro de 1978, mais uma vez os laços entre futebol e literatura trazem a tona a memória do pai:

Yo no lo conocía. Lo conocí hace dos meses en la cancha de Independiente y me enmudecí. Lo saludé, le agradecí, no sé ni qué dije. El Bocha me dijo que le gustó un texto mío que se llama ‘Señor

Pastoriza' que hablaba de un partido muy especial que él jugó (el cuento hace alusión al mítico partido que Independiente empató con Talleres en Córdoba por 2-2 con tres jugadores menos en 1978 tras una pared entre Bochini y Bertoni). *En el texto yo hablaba de la enfermedad de mi padre y él me empezó a contar del suyo. Yo no podía creer que estuviera hablando con Bochini de su padre y del mío. Encima esa tarde Independiente le ganó a Racing y yo pensé ese día 'el mundo es perfecto'. Claro que después perdimos contra Arsenal, Godoy Cruz y el mundo no era perfecto.*"¹

Por último, tomaremos por base uma narrativa que revela os dilemas da afirmação da identidade nacional, "Hinchada hay una sola", de Alejandro Parisi. Entre os novos narradores que despontam após a crise de 2001, o futebol argentino continua sendo um espaço privilegiado que contém inúmeros elementos simbólicas e identitários.

O tema é a diáspora dos latino-americanos para terras europeias no século XXI, quando é o papel central das crises econômicas que ira impulsionar as migrações transnacionais. Entre os migrantes latino-americanos que integram os fluxos para a Espanha e, mais precisamente, para a cidade de Barcelona, a produção da identidade remete às práticas cotidianas associadas ao encontro e a circulação e relatos produzidos pela mídia sobre o futebol como esporte internacional. No país estrangeiro, o que reforça o pertencimento já não são as narrativas épicas da geração militante que viveu o exílio nas décadas anteriores, mas as narrativas que giram em torno da pelada dos finais de semana organizada com outros migrantes conhecidos através da troca de e-mail ao longo da semana.

No campinho da praça, disputavam a bola e se sentiam entre iguais. Por algumas poucas horas voltam a se sentir em um território confortável onde não vivenciavam o rechaço da vida cotidiana em Barcelona. A pelada os devolvia a uma nação possível, apesar de a quadra ficar a poucos metros de casa nessa mesma cidade onde todos tinham escassos amigos. Sem o grupo que passa a constituir uma pequena tribo em meio ao cenário hostil, não encontravam um lugar ao qual integrar-se: "De alguna manera, la falta de un grupo fijo para jugar al fútbol era un espejo exacto de mi situación general de emigrado" (PARISI, 2008, p.154).

Um dos principais operadores do relato identitário nacional, o futebol adquiriu novas dimensões que o convertem em um fenômeno local e supranacional. Sujeitos que não se sentem mais representados pela seleção nacional podem encontrar sua ancoragem identitária na equipe que se relaciona com o território do bairro ou da cidade, mesmo quando em um país estrangeiro. O sentimento de identificação com os clubes atua na recomposição das identidades coletivas, passando as equipes locais a ser mais importantes para os torcedores que qualquer seleção nacional. Por outro lado, em tempos de deslocamentos, exílios e diásporas, certas equipes podem estar vinculadas diretamente ao surgimento de identidades de carácter supranacional. Um bom exemplo pode ser o time do Barcelona. Numa das passagens mais significativas do conto "Hinchada hay una sola" no que se refere ao papel do futebol para a construção identitária, podemos perceber a ressignificação do significado do clube para estes torcedores em terra estrangeira:

A medida que llegaban los demás, cada uno con la camiseta de su equipo,

¹ SACHERI, Eduardo. "El dolor del fútbol es ilegítimo pero inevitable". Entrevista a Nicolás Argentieri. In: *Publicable*. Disponível em: <http://www.diariopublicable.com/Futbol/1071-eduardo-sacheri--futbol-independiente.html>. Última consulta: 09 de julho de 2013.

comentamos los resultados del Colo Colo chileno, de Boca, River y Racing, de los Pumas de México, de Emelec, del Gremio de Porto Alegre... *Sin embargo todos teníamos algo del Barça: un par de medias, un llavero, un gorro, miles de modelos distintos de la camiseta azulgrana que llevábamos para sentirnos parte de algo más cercano como el F. C. Barcelona, un equipo ajeno, pero tan poderoso como para comprar a los mejores jugadores de todos nuestros países y ponerlos en el mismo campo de juego.* (PARISI, 2008, pp.155-156. Grifo nosso.)

Tal convergência de interesses, de memórias e paixões se produz em um universo no qual impera a desterritorialização e onde as comunidades começam a reconfigurar-se, aglutinando-se em torno de um conjunto de elementos simbólicos a partir dos quais se ressalta que, mais do que a experiência ou a memória nacional compartilhada, o que importa é a condição de não pertencimento que todos têm em comum em sua experiência presente em um país europeu. Este sentimento fluido de pertencimento chega mesmo a desbordar as fronteiras territoriais da América Latina as quais fundamentam e fortalecem a união dos “*sudakas*” em torno de um imaginário comum, permitindo que um africano integre o grupo como um igual.

Diante de um forte desenraizamento dos sujeitos, foram criados novos marcos identitários ativados pelas narrativas futebolísticas difundidas pelos canais mediáticos. Mais do que os fatos que protagonizam a realidade política, econômica ou social em seus distantes países, o que monopoliza a atenção do grupo de jogadores de pelada em seus encontros de sábado é a crônica esportiva e o desempenho dos compatriotas transferidos para o futebol europeu:

Si durante la semana nos indignábamos por las críticas de los diarios deportivos de España, dedicábamos la charla previa a nuestro partido a justificar a aquellos jugadores de nuestra tierra, consagrados o fracasados en las distintas Ligas de Europa. Con la distancia que otorga el tiempo, supongo que eso era mucho más que un reflejo infantil: ¿acaso nosotros no habíamos abandonado también nuestros países con el sueño de triunfar en Europa? (PARISI, 2008, p.156)

O Barcelona seria uma espécie de representante simbólico da pós-nação em um ambiente de intensos deslocamentos e de internacionalização do futebol. É o relato que pode dar alguma coesão ao imaginário coletivo em um cenário de profunda fragmentação da identidade nacional que marca o cotidiano destes emigrantes. O futebol é capaz de catalisar suas reivindicações identitárias para além das lealdades a uma comunidade nacional antes dominante. Embora, em lugar de lembrar dos nomes dos companheiros de pelada, lembrassem apenas de sua nacionalidade, não se chamavam pelo respectivo gentílico, mas pelo nome de algum jogador famoso do país. Longe de suas terras, porém, podem unir-se em torno de uma equipe alheia. O relato da pátria de chuteiras já não os interpela. Convidados para assistir a um jogo da seleção equatoriana, todos declinam do convite, mas no dia marcado nenhum deixa de comparecer ao Camp Nou onde o contraste com os europeus os integra cada vez mais a uma mesma comunidade, fato que se expressa até mesmo na maneira de torcer por sua equipe:

Mira los catalanes, están todos sentados dijo Kavieres señalando la tribuna de enfrente.

Son unos amargos dijo Marcelo, y comenzó a cantar : El que no salta es un europeo, el que no salta es un europeo...

Y todos, hasta los que estábamos tramitando la nacionalidad española,

todos empezamos a saltar. (PARISI, 2008, p.166)

Tendência comunitária do processo de identificação com a torcida orientado no sentido de construir um vigoroso espaço comum que os torna menos estrangeiros, a pelada semanal pode promover a união e a posterior integração numa mesma torcida de indivíduos oriundos de diferentes países ou continentes.

Rompeu-se a unidade entre relatos do futebol e da nação e neste contexto de desterritorialização, deslocamentos e diásporas de indivíduos, objetos e símbolos. Portanto, os relatos de futebol emergem como uma categoria de **adscrição identitária**, associada a fronteiras menos fixas e a formas líquidas de imaginar a nação a partir de símbolos, sentimentos e crenças partilhadas.

Encontramos no mundo da tribo dos onze muitas metáforas. Os três contos operam sobre os complexos elementos que atuam nos arquivos do futebol: a nostalgia da infância, as relações familiares, a identidade **microlocalizada**, o pertencimento a diferentes “comunidades imaginadas”. Conforme assinala Pablo Alabarces em *Fútbol y patria*, “la persistencia de la nación en la globalización (...) al mismo tiempo radicaliza su tribalismo, o su localismo” (2008, p. 18). Esse é fundamentalmente, o núcleo temático que buscamos problematizar com este trabalho.

O futebol integra o universo das narrativas fragmentárias que ganham maior visibilidade com as tensões que emergem dos processos de tribalização e da crise da invenção de uma identidade única ou nacional. Diante do fenômeno multifacetado da globalização e da pós-modernidade, destacam-se as particularidades da torcida como espaço de sociabilidade. Criam-se laços de solidariedade no universo do torcedor que não são observados em outras interações sociais ou espaços coletivos. Ampliam-se os limites das práticas do futebol e do ato de torcer na era dos deslocamentos e da pós-nação.

Referências Bibliográficas

- 1] ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol en las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- 2] ANDRADE, Mário de. Dois acreanos. In: _____. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987, pp. 203-206.
- 3] APPADURAI, Arjun. *La modernidad desbordada. Dimensiones culturales de la globalización*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- 4] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 9ª ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2003.
- 5] FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.
- 6] GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO NETTO, José Teixeira, org. *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008, p. 15-31.
- 7] GIL, Gastón Julián. *Hinchas en tránsito: violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior*. Mar del Plata: EUDEM, 2007.
- 8] GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio culturais*

- do esporte das multidões. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- 9] LLOPIS GOIG, Ramón. Fútbol, culturas nacionales y globalización. Perspectivas europeas y latinoamericanas. In: LLOPIS GOIG, Ramón, org. *Fútbol postnacional: transformaciones sociales y culturales del “deporte global” en Europa y América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009, pp. 7-15.
- 10] LUDMER, Josefina. La ciudad: en la isla urbana. In: _____. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010, pp. 127-148.
- 11] MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4ª ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- 12] MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Volume 2: Necrose. Com a colaboração de Irene Nahoum. Trad. Agenor Soares Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- 13] SACHERI, Eduardo. El cuadro del Raulito. In: _____. *Esperándolo a Tito y otros cuentos de fútbol*. 14ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2007a, pp. 87-95.
- 14] SACHERI, Eduardo. Señor Pastoriza. In: _____. *Un viejo que se pone de pie y otros cuentos*. 3ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2007b, pp. 185-189.
- 15] PARISI, Alejandro. In: GRILLO TRUBA, Diego, org. *De puntín*. Los mejores narradores de la nueva generación escriben sobre fútbol. Buenos Aires: Mondadori: 2008, pp. 153-168.
- 16] VALDANO, Jorge. *La hinchada te saluda jubilosa*. Rosario: Editorial Fundación Ross, 2007.
- 17] VILLORO, Juan. *Dios es redondo*. 3ª reimpressão. México, D.F.: Planeta, 2012.

i **Ary PIMENTEL, Prof. Dr.**
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: ary.pimentel@yahoo.com.br